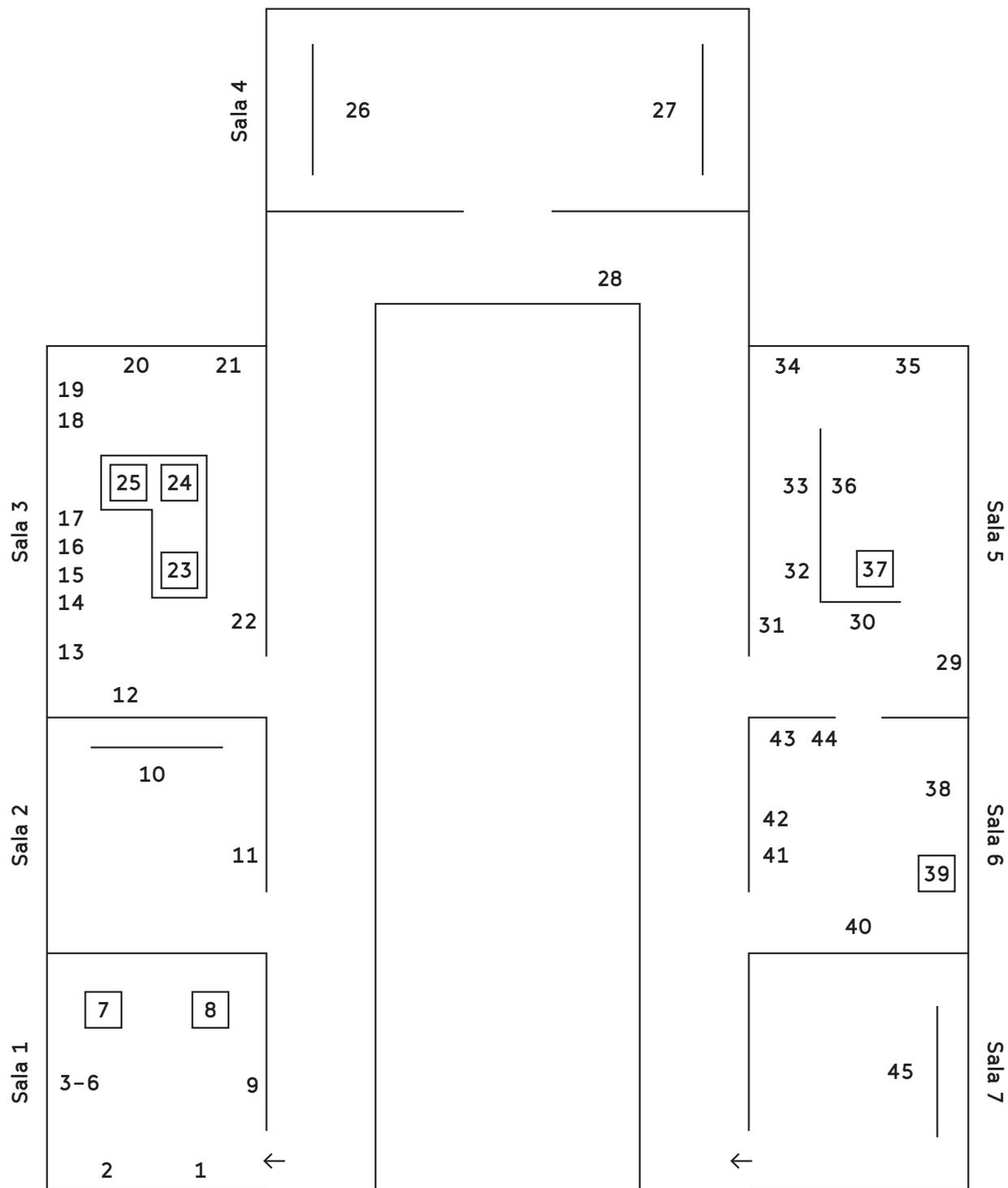


Jean Painlevé

Curadoria Ampersand

Galeria 2
23 NOV 2024 – 23 MAR 2025



Todas as obras apresentadas nesta exposição foram cedidas por Documents Archives Jean Painlevé, Paris

Os filmes são falados em francês e legendados em inglês. As traduções das legendas em português estão disponíveis para consulta no balcão de recepção.

Sala 1

Dois anos após o seu primeiro filme *L'Oeuf d'épinoche* [O Ovo da Esgana-Gata] (1925), Painlevé dedicou-se à realização de uma série de curtas-metragens rodadas em simultâneo, cujo processo vogou ao sabor das marés, da pesca e de frequentes acidentes de filmagem (a fissura de um aquário, a escassa resistência das criaturas à luz). Nelas, o prazer do anedótico encontra o rigor da análise científica e a dissecação minuciosa (por vezes, literalmente) dos seus sujeitos. Painlevé não escondeu o seu ceticismo relativamente à virtude reveladora da imagem quando projetada diante de uma audiência não iniciada nas matérias abordadas e a maior parte da sua produção fez-se valer de uma ampla liberdade poética. As suas curtas-metragens valeram-lhe um reconhecimento que culminou no sucesso de *L'Hippocampe* [O Cavalo-Marinho], de 1935, cuja versão sonora foi distribuída pela Pathé. Painlevé fascina-se por estes congéneres verticais “de uma tristeza distinta”, e pelos seus hábitos extraordinários, em particular pelo facto de caber aos machos a função de nutrir os embriões e dar à luz. Este animal torna-se no seu emblema, tomando a forma de jóias, estofos e papéis de parede.

Acerca do filme *L'Hippocampe* (1935):

“Foi uma verdadeira pequena revolução parisiense. No metro, no autocarro, ouviam-se os homens dizerem ‘Viste aquele macho a dar à luz?’, e o outro respondia ‘Ah, sim, já sei isso há muito tempo’”.

1 *Jean Painlevé devant un grand tirage du buste d'hippocampe à la galerie La Pleïade* [Jean Painlevé diante de uma grande fotografia de um cavalo-marinho na Galeria La Pleïade], c. 1933
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

2 *La pieuvre et son siphon respiratoire* [O polvo e o seu sifão respiratório], c. 1928
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

3-6 *La Pieuvre* [O Polvo], c. 1928
Provas fotográficas a gelatina e sais de prata

7 *La Pieuvre* [O Polvo], 1929
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, colorização, sem som, 10'
Realização e montagem: Jean Painlevé, assistido por Geneviève Hamon

Câmara: André Raymond
8 *L'Hippocampe* [O Cavalo-marinho], 1931
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, sem som, 15'
Realização e montagem: Jean Painlevé, assistido por Geneviève Hamon
Câmara: André Raymond
Produção: Cinégraphie documentaire
Música: Darius Milhaud

9 *Ouverture de la poche ventrale de l'hippocampe mâle* [Abertura da bolsa ventral do cavalo-marinho macho], c. 1932
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

Papel de parede
Família de cavalos-marinhos – padrão #5
©JHP A partir de um guache original de Geneviève Hamon, 1935
©Documents, Archives
Jean Painlevé, Paris

Sala 2

Entre as estreias de *L'Hippocampe* [O Cavalo-Marinho] e de *Assassins d'eau douce* [Assassinos de Água Doce], passam pouco mais de dez anos marcados pela guerra. Em 1944, Painlevé é nomeado Diretor-Geral pelo Comité para a Libertação do Cinema Francês, e ajuda vários intelectuais. Entre estes encontra-se o realizador Sergei Eisenstein (1898–1948) que, acerca de Painlevé, diz ser “o único rival da Nossa Senhora de Lourdes no que toca a milagres”. Os ecos dos combates repercutem-se nos lagos que cercam a capital, os quais se tornam, em Painlevé, num teatro mortífero e canibalesco ao som de melodias lúdicas de Louis Armstrong e de Duke Ellington. “Descascar, mastigar, despedaçar, chupar, moer, perfurar, sugar, devorar, mil perigos diferentes manifestam-se. Alguns têm bocas, outros não, mas tudo acaba no estômago”. Ainda que *Assassins d'eau douce* não careça de humor nem de encantamento, Painlevé lembra que “comer e ser comido é o que acontece a cada momento”. De nada serve compadecer-se, adverte. “É apenas uma questão de hábito: em Saint-Amour, as crianças vão ver os porcos ser escaldados”. Entretanto, e como em todos os seus outros filmes, note-se aqui a sofisticação do genérico.

Acerca do filme *Assassins d'eau douce* (1947):

“O meu conhecimento dos habitantes do lago era suficientemente bom para escrever um argumento, mas quando comecei a filmar, nada do que esperava chegou a acontecer. Talvez o problema se devesse à iluminação [...] O filme era longo e foi montado com a música dos mais importantes músicos de jazz de 1925–1935.”

10 *Assassins d'eau douce* [Assassinos de Água Doce], 1947
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, som, 25'
Realização e montagem: Jean Painlevé, assistido por Geneviève Hamon
Produção: Cinégraphie documentaire
Música: Louis Armstrong, Duke Ellington, Gene Krupa, Baron Lee, Jimmie Lunceford
Narração: Jean Painlevé

11 *Geneviève Hamon et Jean Painlevé à la pêche* [Geneviève Hamon e Jean Painlevé a pescar], c. 1947
Impressão recente a jato de tinta
(Fotografias de Viviane Hamon)

Sala 3

Se a obra de Painlevé é marcada por um antropomorfismo insistente (nem uma criatura, mesmo a mais informe, resiste à subjetivação dos comentários do realizador), não deixa de ser também quase inteiramente desprovida de figuras humanas. E quando Painlevé decide, por fim, filmar os seus congêneres, estes são submetidos a um olhar frio e analítico. Esta surpreendente simetria é patente nos seus filmes de dança, onde as figuras humanas aparecem como autómatos (é o caso de *L'Écriture du mouvement* [Notação do Movimento], um filme dedicado a um método de notação coreográfica desenvolvido pelo compositor e coreógrafo Pierre Conté), ou nos documentários realizados no início dos anos 1930 com o Doutor Claoué (um precursor da cirurgia estética). No fundo, desde as experiências do cirurgião à dança dos cristais líquidos ao som da música de François de Roubaix, da ressurreição de um cão aos casais de gémeos monozigóticos que fotografa, Painlevé torna-se uma simples testemunha dos milagres da natureza, em todas as suas escalas, proclamando a igualdade de todos os seres vivos, cuja existência é captada por duas constatações: “todo o movimento é vibratório até à sua extinção” e “somos sempre o subempreiteiro de alguém”.

Acerca do filme *Traitement expérimental d'une hémorragie chez le chien* [Tratamento Experimental de uma Hemorragia no Cão] (1930):

“Conheci o Doutor Normet em 1925, quando veio apresentar a sua demissão ao meu pai por estar indignado com o funcionamento do serviço de saúde francês na Indochina. Tratava-se do inventor de um soro que permitia a oxigenação até à reconstituição do plasma sanguíneo no sujeito ‘nem muito velho nem muito gordo’. Para o demonstrar, pediu-me que registasse o sangramento total de um cão, seguido de uma injeção do seu soro, e de um segundo sangramento total (até à extensão das patas, sinal de morte), após o qual, o cão saltou da mesa de operações e correu para uma tigela de água. Neste caso, tratava-se de uma cadela vadia que mais tarde veio a parir quatro cachorros”.

12 *Jumeaux: gros plan sur l'oreille d'un jeune homme* [Gémeos: grande plano da orelha de um jovem], 1937
Impressão recente a jato de tinta

13 *Chirurgie du Dr. Charles Claoué: sein de femme* [Cirurgia do Dr. Charles Claoué: seio de mulher], c. 1930
Impressão recente a jato de tinta

14 *Jean Painlevé debout à gauche derrière son assistant, André Raymond, sitting and unidentified doctor* [Jean Painlevé com o seu assistente André Raymond e um médico não identificado], 1930
Impressão recente a jato de tinta

15 *Jumeaux, vue de face* [Gémeos: vista frontal], c. 1937
Impressão recente a jato de tinta

16 *Dr. Charles Claoué: opération d'un nez de femme* [Dr. Charles Claoué: operação ao nariz de uma mulher], 1930
Impressão recente a jato de tinta

17 *Dr. Charles Claoué: sein de femme* [Dr. Charles Claoué: seio de mulher], 1930
Impressão recente a jato de tinta

18 *Dr. Charles Claoué: opération des seins avant et après* [Dr. Charles Claoué: seios antes e depois], 1930
Impressão recente a jato de tinta

19 *Jumeaux, vue de face et de profil* [Gémeos, vista frontal e de perfil], 1937
Impressão recente a jato de tinta

20 *Dr. Charles Claoué: greffe italienne nez d'homme* [Dr. Charles Claoué: Transplante de nariz de homem italiano], 1930
Impressão recente a jato de tinta

21 *Anémone de mer* [Anémone do mar], c. 1929
Impressão recente a jato de tinta

22 *Photons patriotiques* [Fotões patrióticos], 1974
Impressão recente a jato de tinta

23 *Transition de phase dans les cristaux liquides* [Transição de fase em cristais líquidos], 1978
Filme 16 mm transferido para vídeo HD, cor, som, 7'
Realização e montagem: Jean Painlevé (1972-1978)
Produção: Les Documents cinématographiques
Música: François de Roubaix

24 *L'Écriture du mouvement* [Notação do Movimento], 1949
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, som, 15'
Realização e montagem: Jean Painlevé
Câmara: Marcel Fradétal
Produção: La Cinégraphie documentaire

25 *Le Sérum du docteur Normet: traitement expérimental d'une hémorragie chez le chien* [Tratamento Experimental de uma Hemorragia no Cão] 1930
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, sem som, legendado, 4'
Realização: Jean Painlevé

Papel de parede

Caranguejo – padrão #2
©JHP
A partir de um guache original de Geneviève Hamon, 1935
©Documents, Archives Jean Painlevé, Paris

Sala 4

Trinta anos depois da rotação do seu primeiro filme sobre o polvo fêmea que apelidaram de “Senhora dos Abraços”, Hamon e Painlevé iniciaram, em 1958, as filmagens de *Les Amours de la pieuvre* [A Vida Amorosa do Polvo], uma empreitada que durou quase dez anos. Painlevé sentia uma ternura particular por este animal que, afirmava, lhe mostrou a sua vocação (o seu primeiro encontro data de 1911, na estação biológica de Roscoff). É também um dos seus pratos favoritos: “os seus tentáculos, bem batidos de antemão, são deliciosos com um molho à americana”. Do lado oposto do “mais astucioso dos *cowboys*”, outra das suas obras-primas a cores: *Barbe bleue* [Barba Azul], o primeiro filme de animação em *stop-motion* com massa de modelar, uma ópera-bufa realizada entre 1935 e 1938 a partir de esculturas de René Bertrand e dos seus três filhos de seis, sete e oito anos, e com uma banda sonora de Maurice Jaubert. Assim se confirma o seu gosto pela música, contos mórbidos e efeitos especiais divertidos.

Acerca do filme *Barbe bleue* (1938):

“A película era fabricada pela Gasparcolor. Os irmãos Gaspar, húngaros refugiados, tinham criado esta extraordinária película a cores, ininflamável, que não encolhia, com magníficas cores saturadas, permanentes, mas utilizável apenas para registos fotograma a fotograma, o que era perfeito para *Barbe bleue*. Com a guerra a ameaçar, os Gaspar emigram para Londres [...], mais tarde, para fugir aos bombardeamentos alemães, partem para os EUA, deixando na alfândega inglesa os seus filmes e equipamento. [...] Resumindo, foram precisos três anos [...] para encontrar os elementos de *Barbe bleue*, mas para os ter, foi preciso pagar por tudo o que os Gaspar tinham depositado na alfândega”.

26 *Barbe bleue* [Barba Azul], 1938
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, cor [Gaspacolor], som, 13’
Realização e montagem: René Bertrand
Produção: Jean Painlevé
Música: Maurice Jaubert

27 *Les Amours de la pieuvre* [A Vida Amorosa do Polvo], 1967
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, cor, som, 13’
Realização e montagem: Jean Painlevé e Geneviève Hamon (1955-1967)
Produção: Les Documents cinématographiques
Música: Pierre Henry

28 *Hippocampe femelle* [Cavalo-marinho fêmea], c.1932
Impressão recente a jato de tinta

Sala 5

Bocas de peixe, asas de morcego, olhos e caudas de camarões e aranhas felpudas: estes são alguns dos temas fotografados por Painlevé. Para aqueles que não têm acesso no seu quotidiano à magia do microscópico ou do mundo subaquático, o realizador fornece uma receita simples: “Basta que, numa noite de verão bem estrelada, se fique deitado no feno cortado a olhar para o céu e esperar, observando-o atentamente, até que os astros pisquem de fadiga. Em breve, um entorpecimento liberta o corpo, a abóbada celeste curva-se para acompanhar a sua cúpula, a gravidade desaparece, sentimo-nos como que sugados para o infinito, e a viagem começa enquanto os familiares grilos tocam a música das esferas de engrenagens mal oleadas. Tudo é simplificado e explicado: o cheio estava afinal vazio e o vazio estava afinal cheio. A matéria não passa de um buraco. Regressados desta aventura, cremos que sonhámos, e é por essa razão que encontramos poucas pessoas de confiança que o queiram testemunhar!”

Sobre o filme *Vampire* [Vampiro] (1945):

“É a hora do *Vampiro*, a hora de todas as lendas de assassinos e, como as más reputações se agarram, geralmente, ao recanto de um bosque, é à beira da floresta do Chaco que o vampiro cria a sua... O seu cartão de visita diz: ‘raiva paralisante e doença do sono, serviço ao domicílio.’”

29 *Gueule de poisson de profil* [Boca de peixe de perfil], c. 1931
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

30 *Araignée avec profil de Jean Painlevé* [Aranha com perfil de Jean Painlevé], c. 1931
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

31 *Geneviève Hamon avec des pinces de homard* [Geneviève Hamon com pinças de lagosta], c. 1928
Impressão recente a jato de tinta

32 *Sauterelle de face* [Gafanhoto de frente], c. 1931
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

33 *La pieuvre, tentacules* [O polvo, tentáculos], 1928
Impressão recente a jato de tinta

34 *Tête de crevette de face* [Cabeça de camarão de frente], c. 1930
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

35 *Étoile de mer* [Estrela-do-mar], c. 1930
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

36 *Antennes de la tête de la crevette* [Antenas da cabeça de um camarão], c. 1930
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

37 *Le Vampire* [O Vampiro], 1945
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, preto e branco, som, 9’
Realização e montagem: Jean Painlevé, assistido por Geneviève Hamon.
Câmara: André Raymond
Produção: La Cinégraphie documentaire
Música: Duke Ellington

Sala 6

Algumas citações de Painlevé para refletir:

1. “A ignorância é normal, não há nada de que se gabar”.
2. “Por detrás de cada segredo, uma patifaria”.
3. “Naturalmente desajeitado, mas obstinado, adoro os mágicos. Há aqui um truque, mas não consigo descobri-lo. Há sempre um truque, em tudo, para tudo”.
4. “As religiões são a expressão da preguiça do espírito”.
5. “Liberdade, Igualdade, Fraternidade, termos contraditórios”.
6. “Vida útil, vida eficaz. Direito ao conhecimento... grandeza do vosso conhecimento. Equilíbrio nas vossas incertezas. Igualdade na aplicação da lei. Impostos, mínimo de subsistência: nutrição, proteção (abrigo, saúde). Velhice. Companhia. Dois períodos suicidas: adolescência, senescência”.
7. “Romancista, historiador: diferença de audácia”.
8. “Não tendo nada a dizer, é bom dizê-lo ao contrário”.
9. “Não devemos pedir aos documentários, numa sala pública, outra coisa que não um momento curioso ou belas imagens”.

38 *Queue de crevette en croisillon* [Camarão de cauda cruzada], c. 1930
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

39 *Limailles* [Limalhas], 1972
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, cor, som, 6'
Realizado, filmado e editado por Jean Painlevé e Geneviève Hamon
Produção: Les Documents cinématographiques
Música: Super Bastringuo
Filmado como um exercício para estudantes de cinema da Université de Paris 8-Vincennes, não distribuído.

40 *Comatule, proche parent de l'étoile de mer* [Comature, um parente próximo da estrela do mar], c. 1930
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

41 *Tête poilue d'araignée à l'œil composé* [Cabeça de aranha felpuda com olho], c. 1932
Impressão recente a jato de tinta

42 *Nervures d'une aile de sauterelle* [Nervuras de uma asa de gafanhoto], c. 1932
Impressão recente a jato de tinta

43 *Pince de Galathée* [Pinça de galateia] c. 1931
Impressão recente a jato de tinta

44 *Panache respiratoire du ver spirographe* [Pluma respiratória do verme espirógrafo], c. 1931
Prova fotográfica a gelatina e sais de prata

Papel de parede
Caranguejo – padrão #1
©JHP
A partir de um guache original de Geneviève Hamon, 1935
©Documents, Archives Jean Painlevé, Paris

Sala 7

Acéras ou le bal des sorcières [Akeras ou O Baile das Bruxas] é o último filme subaquático de Painlevé. À primeira vista, estes moluscos parecem bastante repulsivos, e a sua vida banal resume-se a rastejarem no lodo em que se alimentam. Inicialmente, Painlevé considera filmar o seu massacre por predadores implacáveis, mas o empreendimento revelou-se tecnicamente demasiado complicado. A observação dos animais leva-o a uma descoberta surpreendente. Pouco antes de se reproduzirem, os moluscos desprendem-se lentamente do solo e dançam nas correntes marinhas, correndo o risco de serem descobertos. A mistura de beleza e obscenidade fascina Painlevé: os moluscos assemelham-se a órgãos sexuais humanos e têm a particularidade de serem “hermafroditas funcionais recíprocos simultâneos” que se reproduzem em cadeia. O animal da frente desempenha o papel de fêmea, o último na cadeia o papel de macho, os intermédios desempenham um papel duplo, fêmea com o posterior e macho com o anterior, criando uma longa orgia linear. O filme diz algo sobre o otimismo de Painlevé: mesmo as criaturas mais frágeis e disformes têm direito aos seus quinze minutos de fama. No fundo, para elas, tal como para nós, trata-se sobretudo de aprender a “ser notado entre os milhares de pequenos macacos”.

Acerca do filme *Acéras ou le bal des sorcières* (1978):
“Note-se que o compositor, Pierre Jansen, escreveu a música tendo visto o filme apenas uma vez”.

45 *Acéra ou le bal des sorcières* [Akeras ou O Baile das Bruxas], 1978
Filme 35 mm transferido para vídeo HD, cor, som, 13'
Realização e montagem: Jean Painlevé e Geneviève Hamon (1969-1978)
Produção: Les Documents cinématographiques
Música: Pierre Jansen

Biografia

Jean Painlevé nasceu a 20 de novembro de 1902, em Paris. Após estudar medicina, juntou-se à estação biológica de Roscoff, junto à ilha de Batz, no norte da região de Finisterra. Um ano antes de realizar o seu primeiro filme de investigação científica, *L'Oeuf d'épinoche* [O Ovo de Esgana-Gata] (1925), escreveu um pequeno texto intitulado "Drame Néo-Zoologique" [Drama Neozoológico] para a revista *Surréalisme*, dirigida por Ivan Goll. No mesmo número, encontramos nomes como Guillaume Apollinaire, René Crevel e Robert Delaunay. Nesse ano, Painlevé conhece Geneviève Hamon que se tornou sua companheira e colaboradora mais próxima.

Na mesma altura, Painlevé trabalha como ator, representando, sucessivamente, ao lado de Michel Simon e Tania Fédor em *L'Inconnue des six jours* [O Desconhecido dos Seis Dias] (1925), e de Antonin Artaud em *Mathusalem* (1927), filme onde surgem cenários criados por Hamon. O seu primeiro filme público, *La Pieuvre* [O Polvo], é exibido em 1928. Segue-se a realização de uma dezena de curtas-metragens, entre as quais *Les Oursins* [Os Ouriços-do-Mar], *Le Bernard L'ermite* [O Bernardo-Eremita], *La Daphnie* [A Dáfnia], *Crabes et crevettes* [Caranguejos e Camarões], *Hyas et sténorinques* [Caranguejos-Aranha e Esternorrinco], *Caprelles et Les Pantopodes* [Caprelas e Os Pantópodes]. Estes filmes são exibidos em Paris, ao lado de obras de René Clair, Germaine Dullac ou Jean Vigo, um dos seus amigos mais próximos, e valem-lhe a admiração de artistas do seu tempo, como Alexander Calder e Man Ray, mas também de críticos de cinema como André Bazin. Começa, nessa altura, a colaborar com fotógrafos Éli Lotar e André Raymond, bem como com um dos melhores criadores de efeitos-especiais da época, Achille-Pierre Dufour.

A fim de garantir a sua independência, Painlevé cria, em 1930, a sua própria produtora, La Cinégraphie Documentaire, mais tarde rebatizada de Les Documents Cinématographiques. Em 1934, produz a sua obra de maior sucesso, *L'Hippocampe* [O Cavalo-Marinho], que coincide com a morte de Vigo e a criação com o comandante Le Prieur (que acabara de inventar o primeiro escafandro autónomo) de um clube de mergulho submarino no Mediterrâneo. Composto sobretudo por amadores, o Club des Sous-l'Eau dedica-se à promoção e ao desenvolvimento de técnicas de captação de imagens subaquáticas.

A ascensão do fascismo na Europa impele Painlevé a tomar uma posição. No âmbito da Comissão de Inquérito criada pelo Comité Mundial contra a Guerra e o Fascismo, é mandatado para investigar os círculos intelectuais austríacos em plena guerra civil. Um ano mais tarde, viaja até à Polónia, como membro de uma comissão de estudos sobre o sistema penitenciário e o sistema de campos de concentração alemães naquele país. Entre os seus muitos cargos, é nomeado responsável pelo departamento de filmes do Palais de la Découverte.

Com a exceção de alguns filmes de atualidades, Jean Painlevé cessa toda a atividade cinematográfica durante a ocupação e junta-se à Resistência Francesa. Passa por Corrèze, Dordogne e a costa mediterrânica, a Alsácia ou a fronteira com Espanha, onde realiza vários filmes de atualidades. Após a Libertação, torna-se Diretor-Geral do Cinema Francês, cargo que rapidamente abandona em maio de 1945, para voltar à realização de filmes. Fervoroso defensor da educação popular, é nomeado presidente da Federação Francesa dos Cineclubes e funda, em 1948, a União Mundial dos Documentaristas, juntamente com Joris Ivens e Henri Storck.

A fim de financiar os seus filmes, Painlevé empreende digressões de conferências, colóquios e participações televisivas, em França e no estrangeiro, e ensina técnica cinematográfica na Universidade de Paris 8 Vincennes, durante a década de 1970. O seu último filme foca os pombos parisienses (*Les Pigeons du square* [Os Pombos da Praça], 1982), tendo deixado para trás um projeto inacabado sobre penteados africanos. Morre a 2 de julho de 1989 em Neuilly-sur-Seine, dois anos depois de Geneviève Hamon.

Esta exposição foi realizada com a ajuda de Birgitte Berg (Documents Archives Jean Painlevé) e o apoio da galeria Air de Paris.

Com curadoria de Ampersand – uma plataforma artística que inclui, mas não se limita, à concepção de exposições – fundada por Alice Dusapin e Martin Laborde em Lisboa, em 2017. Esta exposição é comissariada por Alice Dusapin, Martin Laborde e Baptiste Pinteaux.

Programação

Bruno Marchand

Direção de produção

Mário Valente

Produção

Joana Leão

Fernando Teixeira

Conservação

Maria Manuel Conceição

Montagem

Skog Productions

Apoio audiovisual

João Timóteo